



Página Mulher: um manual do padrão feminino. Os espaços sociais, as representações e os jogos de poder no Jornal do Norte em 1980

Ana Carolina Ferreira da Silva

Unimontes

Resumo: O presente trabalho se preocupou em analisar e refletir como as mulheres eram retratadas nos poucos espaços abertos a elas no *Jornal do Norte* e como elas eram vistas como público consumidor do periódico. O foco foi a Página Mulher ou Página Feminina, publicada aos fins de semana dentro do Caderno Dois¹. O recorte temporal foi de janeiro de 1980 a dezembro do mesmo ano. A página feminina, que na concepção editorial do jornal, seria consumida por mulheres, trazia como conteúdo, em inúmeras vezes, assuntos de amenidades: como se vestir, como se cuidar, como evitar rugas, como controlar peso. Em poucas vezes se via algum texto voltado para refletir sobre a emancipação feminina e outras questões sociais tão presentes na época. Analisar as questões de gênero retratadas na imprensa, a luz da historiografia, é uma oportunidade de contribuir com um olhar mais crítico sobre o universo dos locais onde estes periódicos atuam. E trazer um tom de criticidade aos papéis impostos ou reformulados às mulheres é mais do que refletir sobre, é apontar ou até mesmo abrir novas possibilidades ao “segundo sexo”.

Palavras-chave: Cultura; gênero; trabalho.

Introdução

Apenas corpos dóceis, moldáveis a padrões, aptos a replicar estereótipos e servir ao gosto masculino de mulher ideal, em um universo de uma cultura deslumbrada pela imagem. Esta é a mensagem que a Página Mulher, do Caderno Dois do *Jornal do Norte* passava no ano de 1980. O Caderno Dois era um suplemento aos fins de semana. Na parte direcionada ao sexo feminino, nada mais do que reafirmar as questões excludentes de gênero e padrões a serem seguidos pelo sexo feminino, como uma condição de aceitação, felicidade, sob a luz da naturalidade da condição de ser mulher. Como um jornal de circulação regional, podemos o encarar como uma tecnologia de gênero eficiente que distribuiu discursos de autoridade por meio da fala dos especialistas

¹ Como já dito acima, o Caderno Dois era um suplemento de assuntos do Jornal do Norte. Vide foto do anúncio dentro do próprio jornal a respeito desta publicação. Nela deixa claro que há uma página específica para o público feminino.



reafirmando o destino de toda mulher: servir o sexo masculino, com toda a higiene, beleza e saúde possíveis. “(...) a construção do gênero ocorre hoje através das várias tecnologias de gênero (p. ex., o cinema) e discursos institucionais (p. ex., a teoria) com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e “implantar” representações de gênero.” (LAURETIS, 1987, p. 228)

A Página Mulher ou Feminina, como era intitulada, era um manual de como ser a mulher ideal por meio de reportagens, repletas de discursos científicos, filosóficos e estéticos do corpo feminino e o papel social da mulher, dentro do simbolismo da naturalidade. Um veículo de divulgação e reforço de práticas discursivas já tão cristalizadas no meio social. Eis o perigo da “essência” e de se atribuir à mulher características que, segundo os discursos sociais das mais diversas origens, são naturais e normais ao indivíduo encerrado em um corpo feminino. É quase uma sentença que se reverbera no tempo, anulando a relevância da presença e do papel da mulher, reforçando as diferenças de gênero.

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. (SILVA, 2012, p.)

Segundo Tânia Navarro Swain, este tipo de instrumento, no caso em questão, o *Jornal do Norte*, encarado como uma tecnologia de gênero, seria uma importante ferramenta para a criação e difusão das imagens e dos papéis femininos, alimentando um dispositivo de sexualidade e determinando as identidades binárias. Um fortalecimento da submissão do sexo feminino. (SWAIN, 2000, p. 56) Presta-se também, este tipo de publicação, a um de muitos instrumentos de doutrinação de corpos.

Através da busca de um ideal de feminidade evanescente, homogeneizante, sempre em mutação – uma busca sem fim e sem descanso, que exige das mulheres que sigam constantemente mudanças insignificantes e muitas vezes extravagantes da moda (...) Por meio de disciplinas rigorosas e reguladoras sobre a dieta, a maquiagem, e o vestuário – princípios organizadores centrais do tempo e do espaço nos dias de muitas mulheres – somos convertidas em pessoas menos orientadas para o social e mais centradas na auto modificação. (BORDO, 1988, p. 20)

Não que os conteúdos veiculados não tivessem certa relevância no cotidiano do sexo feminino. Havia dicas interessantes de decoração, jardinagem, beleza, saúde,



moda. Mas levando em consideração o período em que o país estava vivendo e Montes Claros estava inserido neste contexto, era impressionante imaginar que ao público feminino deveria haver uma página específica e que o conteúdo, em sua grande maioria, seria amenidades. Não deixa de ser um modo de segregação, reforçando a delimitação do espaço destinado a mulher há séculos: o privado. Este binarismo expresso por meio de conteúdo dentro de um jornal é um perigoso instrumento que reforça papéis e delimita divisas e diferenças entre os gêneros. Stuart Hall alerta sobre o perigo do binarismo, ressaltando que quando este tipo de relação se estabelece, sempre uma das partes é colocada em situação inferior. Neste caso, o sexo feminino. (HALL, 2012)

Ainda levando em conta o contexto social, político e econômico de Montes Claros, o ano de 1979 entregou ao período seguinte uma inflação de 77% segundo a Fundação Getúlio Vargas. Além disso, 1980 começou com uma trágica enchente em diversas regiões do estado de Minas Gerais, incluindo o Norte, com graves estragos, conforme mostram diversas reportagens publicadas neste jornal, principalmente no primeiro trimestre. No cenário nacional, estávamos em um processo que começava a sinalizar a volta da redemocratização e com lideranças políticas se preparando para assumir este futuro poder que chegaria às mãos de civis. E estas mesmas lideranças, como José Sarney, anunciavam ações de extremo interesse a Montes Claros e região. Pela primeira vez, o PD, Partido Democrático, ainda em fase de estruturação, iria pensar em ações para a classe média rural, seguimento social importante no norte do estado, e também iniciativas voltadas ao cooperativismo agrícola, assunto de destaque na página de 3 de janeiro de 1980 do *Jornal do Norte*.



Fonte: Jornal do Norte, janeiro de 1980



Alheias a este processo, as mulheres, que no presente jornal eram retratadas em colunas sociais e uma página exclusiva aos fins de semana. Às vezes surgiam algumas reportagens onde as novas representações femininas, tão típicas nos anos de 1980 eram tratadas. Levando em consideração que um jornal impresso, de circulação regional, compõe parte da imprensa local e que a imprensa sempre está associada a um grupo de poder e seus interesses, vale ressaltar que “... a mídia não é apenas um meio poderoso de criar e fazer circular repertórios, mas que tem um poder transformador de reestruturação dos espaços de interação, propiciando novas configurações aos esforços de produção de sentido.” (MEDRADO, 2013, p. 218) E são essas produções de sentido, as relações de gênero estabelecidas ao longo das publicações da Página Mulher, em 1980, o foco deste trabalho. Surpreendentemente, não caindo no risco do anacronismo, como este passado de mais de trinta anos, ainda é tão presente na rotina feminina. Nesta hora, faz-se necessário lembrar as palavras de Marc Bloch, em *Apologia da História*: “Diz-se algumas vezes: A história é a ciência do passado. É [no meu modo de ver] falar errado. (BLOCH, 2002, p. 52) E o mestre dos *Annales*² tem toda a razão.

Os números quantificam e se interpretados, dizem muito

A Página Mulher, ao todo, foi publicada quarenta e oito vezes, ao longo de 1980, seu ano de estreia. Vale ressaltar que houve algumas falhas em alguns fins de semana dos meses de janeiro, fevereiro, março e novembro. Uma outra particularidade vista foi que no mês de janeiro, excepcionalmente, o Caderno Dois e a Página Mulher apareceram numa edição de quinta-feira do *Jornal do Norte*, motivo também não esclarecido pelas fontes citadas acima. Outro fator que chamou a atenção foi que O dia internacional da mulher, oito de março, no ano de 1980 caiu em pleno sábado, ou seja, dia de Caderno Dois. Mas curiosamente não houve a Página Mulher. Durante o acesso à fonte, questionei ao senhor Américo Martins³, dono do jornal analisado e detentor dos exemplares antigos, todos os fatos citados acima. Perguntei quem era o responsável pela Página Mulher do *Jornal do Norte*. Ele disse que não sabia o motivo das falhas e não

² A Escola dos *Annales* foi um movimento que se originou na França com Marc Bloch e Lucien Febvre e que foi considerado a revolução francesa da historiografia. Defendia que toda ação humana no tempo era passível de ser considerada um fato histórico a ser pesquisado. Ao se pensar assim, abriu-se imensamente o campo de atuação da História, a possibilidade de fontes, o que promoveu a interdisciplinaridade entre várias Ciências Humanas. Vide: BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia* – 2.ed. – São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

³ Américo Martins foi um dos fundadores do *Jornal do Norte*.

havia um jornalista apenas responsável, que a responsabilidade desta parte do JN circulava entre os profissionais da redação e que a produção de conteúdo estava muito atrelada à participação dos colaboradores: médicos, consultoras de moda entre outros. Porém, o Caderno Dois tinha um editor responsável: Georgino Júnior. O jornalista explicou que não se recordava se estas falhas possuíam um motivo específico, dado o espaço de tempo que já se passara.

Nesta análise quantitativa breve, o mais impressionante na Página Mulher, é a quantidade de vezes que algumas editorias⁴, apareceram ao longo das quarenta e oito publicações. Ao todo, foram identificadas doze editorias diferentes. E “Beleza” foi a recordista nos índices, com 79 publicações. O segundo lugar ficou para “Saúde”, com 54 publicações. Vale ressaltar que, muitos assuntos tratados na editoria de Saúde estavam ligados a questões de beleza, principalmente no que diz respeito à cirurgia plástica, tema, que ao longo do ano de 1980, teve muito destaque no Caderno Dois, principalmente na Página Mulher. Na edição de 22 e 23 de novembro, a primeira página do suplemento, que antecedia a página analisada neste trabalho, tinha como manchete: Pressão Social impõe a plástica.



Fonte: Jornal do Norte, novembro 1980

Era uma entrevista com um cirurgião da Nicarágua, especialista em plásticas, sobre este tipo de procedimento e que vivia em Montes Claros.

Já se foi o tempo em que alguém dizia “Eu nasci assim porque Deus quis”. Com estas palavras o cirurgião plástico nicaraguense Juan Paniágua justifica que hoje quem quer que seja pode, a qualquer momento que julgar conveniente submeter-se à operações que mudam o tamanho do nariz, a redução da barriga e que recuperem os cabelos. Também as mulheres foram beneficiadas com este avanço da medicina. Podem quando quiserem ter seus

⁴ Editoria: termo utilizado no jornalismo para designar divisões de assuntos, seja em jornais, revistas, rádio, webjornalismo ou telejornalismo.



seios aumentados ou diminuídos e também se livrar de incômodas rugas.
(Jornal do Norte, Caderno 2, nov. 1980, p. 1)

Vemos aqui a exigência de corpos belos e saudáveis, especialmente ao público feminino. E esses valores são passados e reforçados na sociedade de uma maneira muito sutil e despretensiosa, com tom de livre arbítrio. A Página Mulher é um instrumento desta prática, por ser uma publicação onde estes conceitos do que é ser mulher estão inseridos como modelos e conselhos a serem seguidos. Ter este conteúdo ali presente é uma forma de despertar desejo pelo corpo perfeito. É fazer reverberar os discursos construídos para o público feminino para uma grande quantidade de pessoas. Suzan Bordo, ao refletir sobre estes discursos em torno do corpo da mulher, cita uma interessante reflexão do sociólogo Pierre Bourdieu sobre este assunto. “De forma banal, através das maneiras à mesa e dos hábitos de higiene, de rotinas, normas e práticas aparentemente triviais, convertidas em atividades automáticas e habituais, a cultura “se faz corpo”, como coloca Bourdieu.” (BORDO, 1988, p. 19)

Seguindo com as estatísticas, o terceiro lugar ficou para “Moda”, com dezesseis publicações. Muito próximo desta posição está “Economia Doméstica”, com quinze ocorrências. Assuntos que faziam parte do universo privado, logo de responsabilidade da mulher. Como se vestir e como cuidar o próprio lar eram habilidades exigidas ao sexo feminino para que ele se posicionasse de maneira desejada, em conformidade com os valores sociais exigidos. Dermatologistas, cirurgiões plásticos, educadores físicos e consultoras de moda e beleza eram os colaboradores mais presentes nas publicações e legitimavam os discursos. Cláudia Maia e Telma Borges fazem reflexões e análises sobre esta questão do corpo feminino e a maneira com o padrão ideal era passado na revista Alterosa. Apesar das publicações serem em épocas diferentes, uma dos anos quarenta e outra dos anos oitenta, as práticas discursivas incentivadas pelas publicações, que valorizam os padrões ideais de mulher são muito semelhantes, perfeitamente aplicável à Página Mulher.

(...) os sentidos veiculados nesses anúncios visa ao disciplinamento dos corpos e a produção de modelo idealizado de mulher: corpos modernos e comportamentos tradicionais. (...) Esse universo ideológico é composto pelas representações elaboradas nos textos, nas imagens e nos anúncios publicitários, produzindo subjetividades, modos de ser e estar no mundo. Apesar de uma aparência descompromissada com o político, as revistas exercem influência nas relações sociais, moldando tanto a visão que as mulheres tem de si quanto aquela que a sociedade tem delas. (BORGES e MAIA, 2011, p.112)

Vale ressaltar que os números apresentados acima dialogam com todo o *Jornal do Norte* no sentido de posicionamento e relevância da mulher neste espaço. Ao ver que na Página Mulher, beleza é o que prevalecia como de assunto a ser consumido, o que se via no restante do jornal, quando se tratava da figura feminina, é vinculá-la a este padrão estético perseguido. As colunas sociais de Theodomiro Paulino são as publicações que mais dialogam com estes aspectos da Página Mulher. Durante este trabalho de pesquisa, verificou-se uma interessante situação. Quando houve a aproximação do concurso Glamour Girl⁵, a coluna, que já era publicada durante a semana, ganhou espaço também dentro do Caderno Dois, logo depois da Página Mulher. Em ambas as publicações, a beleza é o tema central. E mais uma vez, a análise feita da *Revista Alterosa* encaixa-se perfeitamente aos dois fatos citados no *Jornal do Norte*, ainda que em épocas distintas. “Na revista há, sem dúvida, o discurso de uma beleza que é produto da indústria cultural; as leitoras devem, portanto, fazer-se tão bela quanto essas atrizes – mas sem fugir ao modelo de mulher desejado para conduzir um lar burguês.” (BORGES e MAIA, 2011, p.125) As colunas sociais também eram um espaço onde se reforçava o valor da mulher bem casada e o status social que determinados casais ocupavam no cotidiano montes-clarenses.



Jornal do Norte, janeiro 1980

Vale ressaltar que na edição de três e quatro de maio, a coluna social tradicional cedeu espaço para uma página especial: as personalidades do ano. Ficou claro, por meio das escolhas feitas nesta publicação, que os homens ocuparam as funções de destaque e relevância na sociedade, geralmente ligadas a posições políticas ou estratégicas onde as

⁵ Importante concurso de beleza realizado em Montes Claros e que valorizava as jovens da alta sociedade, pelo aspecto físico.



fortes relações de poder se davam. Restaram às mulheres apenas os títulos em beleza, educação e homenagem especial a uma professora de francês. Tudo isso publicado logo após a página Mulher no Caderno Dois.



Fonte: Jornal do Norte, maio 1980

O que chama a atenção também é a editoria de conquistas e direitos das mulheres que apareceu, com apenas três publicações ao longo do ano todo de 1980. Justamente numa época quando as ocupações de vagas no mercado de trabalho por mulheres ganham proporções ainda não vistas e também unificação de movimentos feministas em todo o país.

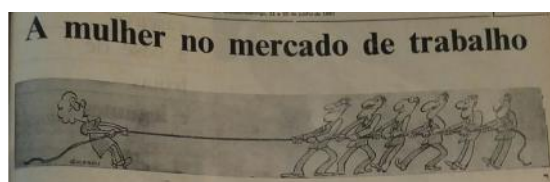
Em se tratando de imprensa, a Página Mulher configurou-se como uma publicação feminina e não feminista. Afinal, as publicações feministas representavam um importante espaço de divulgação de ideias e de promoção de novos discursos e representações sociais por meio dos periódicos, situação não verificada de maneira clara na Página Feminina ou Página Mulher. “Apenas a partir da década de 1980, quando no Brasil as mulheres tomam de assalto a construção da própria história, o periodismo feminino é “descoberto” e se torna objeto de inúmeros artigos, dissertações, teses e livros.” (DURATE, 2016, p. 17)

Mas o *Jornal do Norte* não ficou completamente alheio a essas transformações da década de oitenta. Entre essas publicações sobre as conquistas e avanços femininos, a mais relevante foi a de 21 e 22 de junho de 1980, com a manchete: “A mulher no mercado de trabalho”. Vale ressaltar que nesta edição, esta matéria veio na primeira página do Caderno Dois e, na página 2, desta vez não houve a publicação da Página Mulher. É como se tivesse ocorrido uma substituição por se tratar de uma reportagem

especial e que ocupou um espaço maior. A reportagem inicia falando da presença feminina no mercado de trabalho. “Nas universidades brasileiras, mesmo em redutos quase exclusivamente masculinos, como os cursos de Geologia e Engenharia, aumenta de ano em ano a presença feminina.” (*Jornal do Norte/Caderno Dois*, junho 1980, p.1). Depois aborda a discriminação ocupacional e relaciona isso a uma questão cultural, uma vez que existiam as discriminações nas próprias leis trabalhistas, no que tange, principalmente a maternidade e horários noturnos. Mas a própria reportagem destaca que, para essas diferenças legais não existirem, o estado deveria dar infraestrutura para as mulheres, como creches, restaurantes e lavanderias nas comunidades. Mais adiante também se fala sobre a diferença salarial, com base numa pesquisa da socióloga Helena Lewin, feita para a Cesgranrio⁶. E os números da pesquisa são impressionantes.

A diferença de remuneração entre os sexos é marcante. Dados estatísticos demonstram que mais de 50 por cento da PEA feminina recebe até um salário mínimo, enquanto os homens alocados nesta faixa salarial perfazem 39,4 por cento. A medida que sobe o padrão remunerativo na escala de renda, aumenta a diferença de participação entre os sexos, até atingir a proporção de uma mulher para cada 60 homens no grupo salarial acima de 30 salários mínimos – explica Helena Lewin. (*Jornal do Norte/Caderno Dois*, junho.1980, p.1)

Outro ponto interessante da reportagem são as charges que ilustram a reportagem e deixam claro as diferenças e a segregação de gênero que existem no mercado de trabalho.



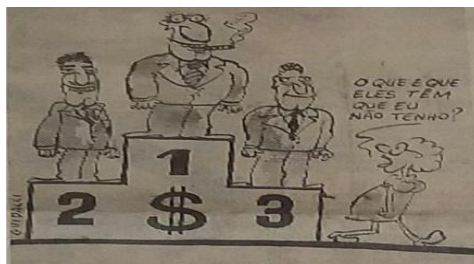
Fonte: *Jornal do Norte*, junho 1980

Nesta imagem temos claramente a disputa desigual entre gêneros, ilustrada por uma brincadeira conhecida como cabo de guerra. Enquanto que a mulher se esforça para a conquista dos espaços, haveria uma série de barreiras, representada por bonecos masculinos, que impedem esses avanços, numa luta desigual. Temos em charges como esta, as relações de poder que se estabelecem entre os gêneros e inferioriza a mulher.

⁶ A Fundação Cesgranrio nasceu, em outubro de 1971, da união de doze instituições universitárias para selecionar candidatos ao ensino superior no estado d'ório de Janeiro.



Como Tânia Navarro Swain precisamente disse “diga-me o teu sexo e eu te direi quem és e, sobretudo, o que vales.” (SWAIN, 2000, p. 58)



Fonte: Jornal do Norte, junho 1980

Nesta outra charge, uma interessante representação da supremacia masculina no mercado de trabalho e a discriminação feminina que não consegue as mesmas oportunidades e está relegada a salários muito mais baixos. Uma ilustração como esta deixa claro, conforme os valores sociais em vigência, que o ambiente público não foi feito para a dominância feminina. A ela cabe o destino traçado, de corpo sexualizado, o lar, a família e a maternidade, tudo dentro de um padrão de heterossexualidade compulsória. Tudo que possa atrapalhar estes destinos “naturais” precisa ser tolhido. E a resposta à pergunta da personagem feminina é simples: “O que eles tem que eu não tenho?” Simples... não tem o falo. Órgão que tudo define. “Reprodutor, receptor, passivo, o sexo da mulher não existe senão para responder aos desejos, às necessidades do masculino individual e social. Assim, a identidade generalizada se estabelece moldando corpos e define o feminino.” (SWAIN, 2000, p. 50)

“Ser um homem feminino, não fere o meu lado masculino!”: será que eles também se interessavam pela Página Mulher?

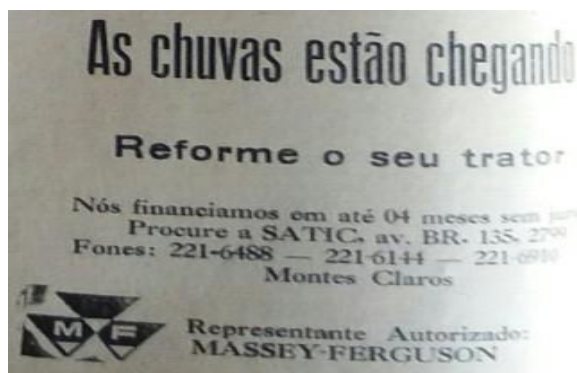
A Página Mulher, assim que começou a ser publicada em janeiro de 1980 no *Jornal do Norte*, foi aos poucos, conquistando uma parte considerável das leitoras, segundo relato do editor responsável pelo Caderno Dois, Georgino Júnior. A partir do mês de março começaram a surgir as participações por meio de perguntas e dezenas de cartas chegavam à redação. As correspondências eram encaminhadas aos especialistas que colaboravam como conteúdo da página. Mas, nos primeiros meses, ao serem publicadas as perguntas, não se colocava a identificação de quem questionava. Mais adiante, os nomes de quem enviava os questionamentos passaram a ser divulgados. Foi



ai que surgiu um fato curioso: perguntas com nomes de homens começaram a ser publicadas com uma considerável frequência. Surge então um questionamento: estariam os homens ficando mais vaidosos, dividindo as tarefas do lar, uma vez que a mulher, nos anos oitenta, entrou com intensidade no mercado de trabalho? Ou seria uma estratégia do *Jornal do Norte*, colocar nomes masculinos nas perguntas para atrair anunciantes de produtos voltados para este público na Página Mulher? Cabe neste momento uma reflexão a luz de Jaques Le Goff sobre a maneira como o historiador deve se portar diante de um documento, no caso da pesquisa em questão, estas publicações na Página Mulher.

“O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo.” (LE GOFF, 2003, p. 548)

Faz-se necessária a desconfiança para que não se incorra em erro, uma vez que, assim que as perguntas masculinas começaram a aparecer, os anúncios direcionados a homens também. Este é o tipo de indício que faz pensar sobre uma tática do jornal: ao se colocar perguntas feitas por homens abriria-se o leque de possibilidades de anúncios para a Página Mulher, o que influenciaria diretamente na arrecadação do jornal. Este anúncio é um dos exemplos a serem mostrados. Uma propaganda de uma empresa que reformava tratores.

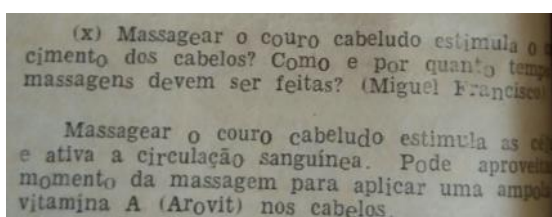


Fonte: *Jornal do Norte*, novembro, 1980

Ao se analisar imprensa como fonte, o historiador não deve se deixar levar apenas pelo que está escrito. Como um veículo de circulação de informação e relações

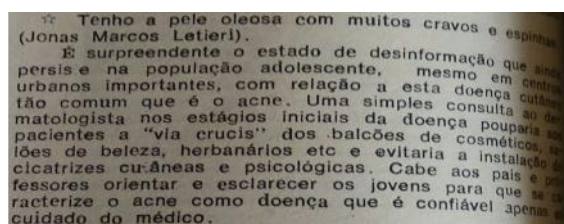


de poder, há interesses diversos por parte de quem é dono e com quem a empresa jornalística se relaciona. Daí a necessidade de se lançar sobre os periódicos um olhar com muita criticidade. Antes de se apresentar as conclusões sobre as perguntas masculinas que começaram a surgir ao longo da Página Mulher, vamos a alguns exemplos desses questionamentos. Veja esta feita pelo Miguel Francisco, na edição de 23 e 24 de agosto. Pelo tom, há uma nítida preocupação com a calvície. “Massagear o couro cabeludo estimula o crescimento dos cabelos? Como e por quanto tempo as massagens devem ser feitas?”



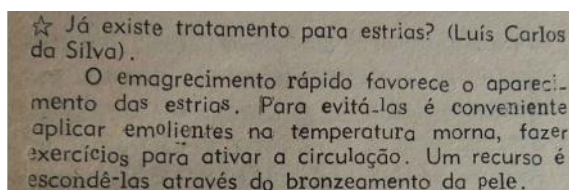
Fonte: Jornal do Norte, agosto 1980

A questão da pele saudável, tão imposta às mulheres na página, também era assunto questionado por homens. Abaixo a afirmação feita pelo Jonas Marcos, preocupado com a estética. “Tenho a pele oleosa com muitos cravos e espinhas.” Afirmação que foi comentada logo em seguida por um dermatologista.



Fonte: Jornal do Norte, setembro 1980

E que tal um homem preocupado com estrias? É o que podemos ver nesta edição de dezembro. “Já existe tratamento para estrias?”





Fonte: Jornal do Norte, dezembro 1980

Houve até perguntas com nomes masculinos demonstrando preocupação com decoração da casa, como no caso do Aloísio Rogério. “Gostaria de obter duas sugestões para a decoração de minhas salas. Na primeira, deixando as paredes divisórias no local e, na segunda, derrubando as alvenarias existentes entre as duas salas e a circulação, além de criar um pequeno recanto para nosso filho.”

☆ Gostaria de obter duas sugestões para a decoração de minhas salas. Na primeira, deixando as paredes divisórias no local e, na segunda, derrubando as alvenarias existentes entre as duas salas e a circulação, além de criar um pequeno recanto para o nosso filho. (Aloísio M. Rogério).

Fonte: Jornal do Norte, outubro 1980

Tem pergunta sobre lavagem de camisa fina do Asdrubal Cunha. “Quero saber qual é a melhor maneira de lavar uma camisa fina?”

● CAMISA
Quero saber qual é a melhor maneira de lavar

uma camisa fina? Com sabão em pó ou de coco? (Asdrubal Cunha).
Antes de molhar a camisa, umedeça sabão de coco e passe no colarinho, punhos, lugares mais sujos ou em manchas, se houver; deixe durante meia hora. Depois lave a peça, sem deixá-la de molho. Basta ensaboar duas vezes com sabão de coco ou sabão em pó. Enxague muito bem, esprema em toalha felpuda, em vez de torcer, deixe secar à sombra, pendurada em cabide de plástico.

Fonte: Jornal do Norte, dezembro 1980

Ao analisar todas estas perguntas, em algumas vemos uma complexidade em detalhes que não são muito comuns para homens por normalmente não fazerem parte da rotina imposta a eles. Levando em consideração as orientações já citadas acima de Jaques Le Goff, para este trabalho, procurei Georgino Júnior, que era editor do Caderno Dois como já foi mencionado anteriormente. Ao questioná-lo sobre a possibilidade de se alterar nomes de leitores nas perguntas para que o jornal conseguisse um leque maior de anunciantes para a página mulher, ele informou que não se recordava bem se isso ocorria mas não descartava a possibilidade da alteração. Como exemplo, ele citou que além de jornalista, ele é astrólogo e por isso, ficava responsável pelo horóscopo. Neste caso ele usava um pseudônimo feminino para as previsões, uma vez que não era comum homens se interessarem por esses assuntos e muito menos tratar deles. Logo, colocar



nomes masculinos em perguntas que partiriam tipicamente de mulheres, poderia ser sim uma tática do Jornal do Norte para conseguir mais anunciantes.

Conclusão

Neste trabalho é possível concluir que a Página Feminina ou Página Mulher do Caderno Dois do Jornal do Norte, foi mais uma tecnologia de gênero que reforçou muito valores vigentes ao sexo feminino. Posicionou-se como um manual do padrão ideal de mulher e colocou todos os indivíduos femininos dentro de um conceito de sujeito universal ideal. Por meio de práticas discursivas acentuou conceitos de corpos saudáveis, dóceis, eternamente belos e jovens, impondo a ditadura da eterna beleza e da mulher como protagonista do espaço privado. Com a Página Mulher, eis que o sexo feminino foi colocado em uma posição de um ser que busca constantemente a auto modificação do que se tornar um ser crítico. Passados mais de trinta anos, vemos que os discursos não tem sido muito diferentes dos atuais. Avanços... sim! Retrocessos também! Mas como toda mudança histórica é lenta, há que se continuar historicizando, posicionando, refletindo em busca de ocupações de espaços de direito. A dinamicidade da vida exige constantes releituras. É aqui que a história se posiciona como protagonista e propulsora de transformações. Analisar a mulher, em diferentes contextos e trazer a tona situações esquecidas, é provocar incômodos e reflexões. E são justamente nessas circunstâncias onde os questionamentos, os problemas surgem. Perguntas movem uma sociedade. No caso das desigualdades de gêneros, há muitos passos a serem dados, há muito o que se historiografar! Uma tensão constante dentro de relações de poder.

Bibliografia

Periódico:

Jornal do Norte

Referências Bibliográficas

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002.



BORDO, Susan R. *O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault*. In JAGGAR, A. M.; BORDO, S. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

BORGES, Telma; MAIA, Claudia. *O corpo em revista*. In: *Inventário do Corpo: recorte e rasuras*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2011.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia*. 2 ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil : Século XIX : dicionário ilustrado*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn; SILVA, Thomas Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

LAURETIS, Teresa. *Tecnologias do Gênero*. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Org.) *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Disponível download em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=1183&cat=6>>. Acesso em 4 abril. 2017.

LE GOFF, Jaques. *Documento/Monumento*. In: *História e Memória*. 5ª ed. Campinas: Unicamp, 2003.

MEDRADO, Benedito. *Textos em Cena*. In: (Org.) SPINK, Mary Jane. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. Edição Virtual. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

SWAIN, Tânia Navarro. (Org.). *A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário*. Brasília, v.8, n. 1-2, 2000. Disponível em <<http://www.tanianavrosowain.com.br/brasil/tanianomadismo.htm>>. Acesso em 4 abr. 2017